

‘Olhos novos’: Traços de Bill Hillier no labirinto da memória

Vinicius M. Netto . Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Nossos mestres, concretos ou literários, são presenças constantes para nós. Bill Hillier ocupa esse lugar de tal forma que é difícil para mim imaginar um mundo sem sua presença física.

Essa nota de homenagem póstuma não é exatamente sobre Bill ou sobre suas ideias. É em parte sobre suas impressões deixadas em um orientando. Bill foi meu orientador em meu doutorado, iniciado há exatos 20 anos, em 1999. É também sobre a relação entre dois teóricos: um maduro, excepcionalmente bem-sucedido; outro, um aspirante com ambição de fazer contribuições à disciplina. É sobretudo um texto sobre Bill em minha experiência. Vou falar do que fica dele para mim, seus traços vivos em minha memória e provavelmente no meu modo de escrever e teorizar. Traços de um orientador que moldaram em parte seu orientando. Optei no início por esse caminho por não ter certeza de que o teria conhecido inteiramente, mas o conhecido enquanto professor e teórico, faces de sua totalidade. Ao rever nossas comunicações escritas para fazer este texto *in memoriam*, vi que na verdade o conheci, e que ele estava lá: a agudez peculiar, as ideias que o expressavam, as singularidades que o definiam.

Para além dos registros escritos, os traços no ‘labirinto da memória’, lembrando Borges, são o que temos do outro, são tudo o que parece ficar. Isso faz ainda mais sentido no caso da ausência. Derrida dizia que o traço é a marca da ausência de uma presença, a ausência que se faz sentir por outros meios. Não é linear ou cronológico, porque se ramifica como fios em um labirinto, como as linhas de um tecido (*textile*). Como as linhas de um *texto*.

São traços que evoco aqui. Na minha interação com Bill, o que aconteceu foi majoritariamente, esmagadoramente positivo. Vejo ainda que aquilo que não foi positivo marca, porque a relação entre um orientador (ou orientadora) e um orientando (ou orientanda) tem um *status* particular. Ela não é como uma relação paternal, mas, quando bem-sucedida, envolve um comprometimento pessoal e uma responsabilidade mútua, no papel de

contribuir na formação, na constituição de uma mente e de uma postura, de um lado; e na busca aberta, tentativa, por caminhos e por inspiração, de outro. Sinais disso aparecem no orgulho de um orientador diante da produção de seu orientando, ou da busca futura por ecos e referências de caminho e de crítica ao mantermos o orientador sob nossos olhos. Por isso mesmo, diferenças que possam emergir nos deslocam e trazem riqueza a nosso entendimento sobre como nossas relações – e o mundo – funcionam. Foi meu caso. Portanto, este é um texto confessional, e eu não conseguiria nesse momento fazer um texto diferente deste.

Bill Hillier me inspirou a ser um teórico. Busquei Bill como orientador não por desejar trabalhar com *space syntax*, algo que não fiz (ainda que a ensine, por achá-la importante para introduzir o pensamento sistêmico sobre cidades). Busquei Bill por ele ter proposto sua própria teoria, por ter tido a ambição de fazê-lo e ter conseguido fazê-lo, engajando pesquisadores em uma rede que se estendeu rapidamente pelo mundo.

A impressão que tive 20 anos atrás (e que ainda tenho) é a de não ter conhecido outra pessoa com a mente tão clara quanto a de Bill. Se para mim o mundo era – e segue parecendo – opaco, um desafio à compreensão, o mundo para Bill parecia não ter mistérios, tão confiante se mostrava em explicar as coisas a sua volta. Era uma satisfação ouvi-lo pensar em voz alta. Ele parecia capaz de entender qualquer coisa usando um pensamento imbuído de uma relacionalidade, uma materialidade e uma socialidade sem fim, sem concessões.

Seu entusiasmo com as ideias era autêntico. Naqueles anos, escrevi que “Bill parece sempre um estudante, vendo o mundo com olhos novos”.¹ Essas palavras estão na minha tese e em um livro que mais tarde dediquei a ele.

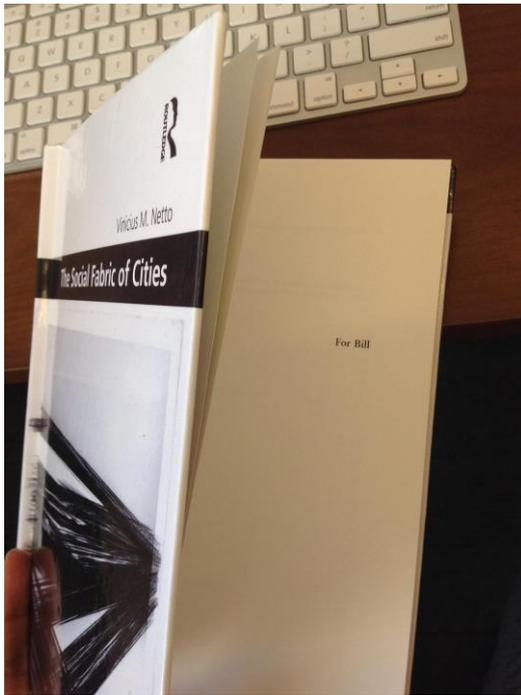


Figura 1. Dedicatória em *The Social Fabric of Cities* (2017). Ao contrário do que parece, o título do livro não deriva de *The Social Logic of Space* – ele foi na verdade sugerido pelos editores. A coincidência foi bem-vinda (fotografia: autor).

Por isso, como orientador, brilhava. Ele foi sobretudo *paciente*. Generoso, engajava-se em longas trocas de e-mails de discussão teórica, e destinava rigorosamente uma hora de sua semana para a orientação, uma conversa no início da tarde. (Não dava permissão para buscá-lo nas manhãs – eram o bloco de tempo para sua escrita). Nos dias de assessoramento, eu costumava atrasar uns 10 minutos, porque corria para fechar algum texto ou nota para levar a ele. Ele ironizava, dizendo que eu era pontual para um brasileiro. Fizemos isso por dois anos e meio, até eu ganhar a condição de escrever a tese, e trazê-la completa para sua leitura.

Agora pense no que é para um aprendiz de teoria de 26 anos discutir em condições francas com um teórico no topo de sua capacidade e impacto mundial. Alguém pode achar que a experiência seria insustentável, mas não foi. Eu não sentia a assimetria. Bill fazia esquecer dela. Aqui está a nobreza de um orientador: fazer o aluno ignorar a diferença das posições na carreira, na reputação, na produção, na experiência. Aqui está a generosidade, a *filia* de quem realmente ensina; aquilo que torna alguém um *mestre*. Mais do que isso, sua atitude era de abertura total à ideia, de respeito ao potencial do outro – mesmo do jovem que vem e que deseja crescer e se expressar. Essa

é outra de suas grandes lições para mim. Busco reproduzir isso todos os dias que encontro meus alunos: nunca subestimar a mente de um/a jovem estudante vindo com fome de entender e atuar no mundo.

Neste momento, é claro que estou falando com você como um colega teórico, não como um estudante, portanto tudo isso pode não ter implicações para a tese. Estou apenas tentando dar mais um passo à nossa discussão, para que as relações entre nossas abordagens se tornem mais claras. Se você entender que o que estou dizendo interpreta mal suas ideias, vou ver isso de novo e tentar fazer melhor! (BH, 17 de Fevereiro de 2005).²



Figura 2. Chile, 2012 (fotografia: Renato Saboya).

Bill também me ensinou a escrever academicamente. Teve um trabalho duro. Eu também. Reescrevi o *abstract* da minha tese por seis meses, até Bill ficar satisfeito. Ele me alertava fortemente sobre minha tendência à abstração. E me impressionava com o grau de detalhe com que discutia as ideias de um orientando. Ao reler nossas comunicações hoje, me vejo cometendo erros sobre as quais ele me alertava.

Algo que pode parecer curioso é que não usei a teoria sintática em meu período com Bill, ainda que tenha dialogado com ela. Ele nunca me pressionou a fazê-lo. Bill mostrou nobreza aqui também: aceitou minha proposta, nunca ergueu objeções. Talvez tenha simplesmente apostado nas possibilidades de uma proposição sobre ‘espaço, significado e comunicação’. O efeito para mim foi claro: eu me sentia promissor – mesmo que ainda hoje não tenha chegado à teoria que vislumbro. Lembro que Bill escreveu em uma avaliação no final do meu primeiro ano de doutorado: “[Ele] produziu

uma grande quantidade de material escrito promissor e original no ano passado, embora o nível de habilidade académica raramente corresponda à ambição – e às vezes à qualidade – de seu pensamento”.³ Ele estava certo. Ele ainda está.

Bill disse a mim mais de uma vez que “não tinha medo de jogar boas ideias fora”. Aprendi que essa era a atitude de um teórico. Inferi que é preciso ter muitas ideias para se chegar a boas ideias, e só as que resistirem ao escrutínio rigoroso devem permanecer, ser publicadas, divulgadas e, com sorte, causar impactos entre colegas e estudantes no campo e fora dele.

O sociólogo Robert Merton chamava de “descobertas múltiplas” o efeito do ambiente cognitivo na criação de sequências de ideias entre diferentes autores. Bill compôs sua teoria de forma imensamente criativa a partir do conhecimento de áreas absolutamente distintas. Possivelmente alimentado pelas sensibilidades da era, vemos o pensamento topológico em ‘cidades como redes’, como em Christopher Alexander, e a ideia de que cada espaço contém em sua natureza configuracional uma relacionalidade global; o uso da matemática dos grafos para detectar propriedades relacionais, como em Linton Freeman; a ideia da primazia da sintaxe sobre a semântica e das ‘restrições em processos aleatórios’ na morfogênese urbana, refletindo a ênfase no signo e não no significado, e a visão de informação como quantidade de escolhas governadas por probabilidades e pela limitação da aleatoriedade na linguagem introduzidas na teoria da informação de Claude Shannon; a sensibilidade à co-presença como dado elementar da reprodução social, como em Goffman e Giddens; a leitura antropológica do mundo, dos códigos de coesão e práticas sociais como inerentemente espaciais, via Durkheim e Victor Turner – e assim por diante. Não vou tratar aqui das suas contribuições. Tratei delas em um artigo, “What space syntax is not”, e peço aos leitores curiosos que busquem esse texto. Nele, tentei fazer uma crítica desapassionada, apontando inovações e limites da teoria. É preciso deixar claro que não é inteiramente correto fazer uma crítica de uma teoria sobre algo que ela não busca. É como criticar um escultor por não fazer poesia. Meu objetivo foi o de apontar as bordas da teoria e o que existe fora dela, talvez ao seu alcance. O fato de que sua

teoria vem sendo absorvida silenciosamente, como no campo da *street network analysis* e nas recentes ênfases à mobilidade pedestre, atesta sua originalidade e impacto, ainda que esses sejam apenas aspectos da teoria que propôs. Uma absorção parcial soa incômoda quando trabalhos se beneficiam da lógica e das ênfases, mas não fazem referência à síntese pioneira.

Fomos coautores em um único artigo, uma proposição teórica para reenquadrar as relações entre sociedade e espaço. Fundada em *insights* trocados em assessoramentos e e-mails, não foi uma coautoria fácil: a escrita é o território a disputar e a compatibilizar visões, mesmo entre teóricos operando em níveis semelhantes de generalização. Quando entreguei um dos meus esboços iniciais da proposição teórica que seria minha tese, intitulado “Axioms for a theory of society and space”, lembro de ele dizer que nós éramos “as últimas pessoas buscando axiomas”. Ele implicava a busca pela *grand theory*, teorias focadas nos processos amplos e estruturas invisíveis – um esforço frequente nos anos 1980 de Giddens e Lefebvre e Hillier, mas já fora de moda no início dos anos 2000, como disse Julienne Hanson então.

É por isso que o conceito focal da minha teoria é estrutura, e como ela emerge e quais são suas consequências, enquanto, se eu entendi você, o conceito focal da sua teoria é referencialidade e, portanto, estruturação. Nós dois estamos interessados na presença do grande no pequeno, e não seria o elo mais potente entre nossas teorias o que agora nos encontramos dizendo um para o outro: que estamos falando da mesma coisa sob diferentes pontos de vista e o elo crítico é entre referencialidade e estrutura, talvez através da estruturação. (BH, 17 de Fevereiro de 2005)⁴

O esforço era entender “como a sociedade é feita de espaço”, em suas palavras. Eu falava da “necessidade de uma teoria material da reprodução social”, ou “como sistemas de ação e interação social são constituídos via espaço” através de uma abordagem referencial, vendo os significados – a *semântica* – como a conexão entre ações e espaços. Minha postura era – tem sido –

heterodoxa, procurando o que teorias existentes não fazem; buscando expansão a partir da crítica. Naqueles anos, foi uma postura quase iconoclasta: por exemplo, não pedi que Bill autografasse minhas cópias de seus livros. Bill era o teórico a superar. Afinal, foi para conviver com um teórico do seu nível que busquei sua orientação. Um tanto desgarrado, adiante fui acolhido pela comunidade sintática. Hoje me sinto parte dela também, e vejo o quanto é bom se sentir parte de uma comunidade. Mas receio que trocas com a profundidade que Bill imprimia, em conversas ou longos e-mails, nunca mais se repetirão.

A alma britânica não parece se mostrar facilmente, ao menos aos olhos deste brasileiro. Bill não se tornou meu amigo. Exceto por algumas situações e acontecimentos, não compartilhamos muito da intimidade ou da vida privada. Havia diferenças grandes de idade, cultura e momentos em nossas trajetórias. Mas Bill se importava com o que realmente importa: vi que ele sentia orgulho das conquistas de seus orientandos. Por exemplo, quando contei a ele que estava publicando meu primeiro livro em português, “Cidade & Sociedade” em 2014, ele respondeu: “É o momento mais importante!” Ouvi relatos de impressões similares de outros orientandos e colegas a respeito de seus trabalhos.

Ninguém sabe, mas tenho o laptop no qual Bill escreveu *Space is the Machine*. Quando cheguei em Londres, na UCL, eu não tinha computador. (Não há glamour em experiências acadêmicas, mesmo em outros contextos e países. Tudo é feito com modéstia e contenção). Ele me emprestou um *laptop Macintosh* que não usava mais, com tela em preto e branco. Esse computador antigo me foi roubado semanas depois, quando cheguei em Roma para passar os dias da virada do milênio no sofá de uma amiga. Ele emprestou outro. Algo como dois anos mais tarde, após escorregar no gelo de uma rua em Prenzlauer Berg, em Berlin, onde

passava o inverno escrevendo, finalmente cheguei ao Macintosh fatídico. “This is a lucky machine, I wrote *Space is the Machine* in it!” (“essa é uma máquina de sorte: escrevi *Space is the Machine* nela!” Ou reescreveu. Seu laptop anterior, com o primeiro *draft*, também havia sido roubado). Escrevi boa parte de minha tese naquela máquina, ciente dessa sua ‘vida secreta’. O laptop segue comigo, agora no Rio de Janeiro (mas não conte a ninguém).

Nesses últimos anos, soube que Bill estava doente. Ele mesmo mencionou isso em um email meses atrás, quando falei a ele do nascimento de minha filha. Pediu que não dissesse a ninguém. Os últimos emails trocados aconteceram meses depois de uma apresentação que fiz na UCL em 2018, após ter participado em uma banca. Mostrei a foto de minha filha como “minha co-autoria mais importante”. Sua resposta foi simplesmente “Very beautiful, Vini! - Bill”. Essa foi a última frase em nossas trocas.

Ao lidar com os textos de Bill após seu falecimento, me encontro no processo de me reapropriar dessa “presença na ausência” (mesmo na ausência absoluta de sua corporeidade, a presença de alguém no labirinto da memória). Eu me sinto mais livre para ver a criatividade de suas contribuições, a inquietude de seu pensamento e a coerência com a qual ele se movimentava. Talvez suas proposições e descobertas venham a ganhar mais peso – talvez um peso sem precedentes, ‘o peso da sabedoria’, realizado por uma presença intelectual que se torna maior em função da ausência física; ou talvez sejam vistas pelas inovações que apresentaram; ou reinterpretadas inteiramente.

Lembro então do que Niklas Luhmann escreveu: consciências existem nos significados que produzem. Por isso, não morrem – vivem enquanto esses significados circularem. Bill ofereceu muitos significados e ideias; ofereceu sua própria teoria. O fato de que esses traços continuarão a circular no tempo e no espaço traz algum conforto.

Notas

¹ ‘Bill seems always a student . . . seeing the world with fresh eyes’. (*Practice, Communication and Space: A reflection on the materiality of*

social structures, PhD Thesis; *The Social Fabric of Cities*, Routledge, 2017).

² “At this stage I am of course talking to you as a fellow theorist, not as a student, so all this may have no implications for the thesis. I am just trying to take our discussion one more step so that

the relations between our approaches become clearer. If you think what I am saying here misunderstands you, I'll go over it again and try to do better! – Bill” (BH, 170205).

³ “[Vini] has produced a great deal of promising and original written material in the past year, although the level of academic craftsmanship has rarely matched the ambition – and sometimes quality – of his thinking” (BH, 100301).

⁴ “This is why the focal concept of my theory is structure, and how it emerges and what its consequences are, while, if I do not mistake you, the focal concept of your theory is referentiality, and therefore structuration. We are both interested in the presence of the large in the small, and isn't the most potent link between our theories what we now find ourselves saying to each other: that we are talking about the same thing from different points of view and the critical link is between referentiality and structure, through structuration perhaps” (BH, 170205).